



## POLÍTICA E SUBJETIVAÇÃO<sup>1</sup>

*Arnildo Pommer<sup>2</sup>, Maria Luiza Diello<sup>3</sup>, Noeli Dutra Rossato<sup>4</sup>*

O trabalho proposto consta do traçado inicial do projeto de pesquisa para elaboração da dissertação para o Mestrado Interinstitucional em Filosofia 2007/2009 (UNIJUÍ) e aborda a questão da Política e Subjetivação, através da leitura de Michel Foucault e de sua metodologia de trabalho arqueológica, genealógica e hermenêutica. O interesse inicial de investigação estava delineado no sentido de se pensar, a partir das produções decorrentes do Fórum Social Mundial e dos novos movimentos sociais, via a abordagem de Boaventura de Sousa Santos, a construção de um novo ideário alternativo ao capitalístico e como isso vai delineando novas formas de subjetivação ou como o sujeito vai interferindo na construção de um outro ideário; é importante ressaltar aqui, que ao abordarmos as questões relacionadas ao sistema capitalista, trabalhamos com o conceito de capitalismo enquanto produtor de subjetividades que, por si só, provocarão a manutenção do sistema que as molda e, além das condições de subjetivação provocadas pelo sistema capitalístico, entendemos que a provocação de movimentos sociais pela efetivação do processo de construção de alternativas ao ideário capitalístico perpassa a sustentabilidade política, social, humana e ambiental, proposição esta, que esbarra, sobremaneira, na formação subjetiva, sendo que, no que se refere especificamente à questão dos movimentos sociais, tomamos a reflexão sobre as possibilidades de ruptura com o que seria a produção serializada de subjetividades, a partir da produção de formas de singularização subjetiva; e, devemos pensar, também, como os sujeitos se fazem implicar num Movimento que busca e propõe novas possibilidades de laços, relações, acesso e uso das condições básicas de dignidade e cidadania, em contraposição a todo um sistema de valores legado pela tradição capitalística que os fez sujeitos e objetos desse processo, outorgando-lhes e reconhecendo-os nesse lugar que lhes é atribuído, condição essa que podemos reconhecer como situamento do sujeito na teia social e, com isso posto, ressaltamos que a tradição, na sua condição estruturante, sustenta a teia social que irá se romper, gerando instabilidade, para assim originar novas formações que irão, ao longo do tempo, formar uma nova tradição que, por sua vez, também será superada –como tão bem tem mostrado a historicidade que constitui a história de humanidade; assim, podemos dizer que a tradição exploratória vai dando lugar à sustentabilidade política, social, humana e ambiental, até por uma questão de sobrevivência da própria espécie humana, sendo interessante trabalhar a noção de produção de subjetividade e individualidade e como os entrecruzamentos extrapessoais e infra-pessoais vão determinando novas formações sociais e de singularização da subjetividade. Entendemos, portanto, que a produção da subjetividade é permeada pelas condições calcadas na historicidade humana e a configuração de um novo sujeito –que ao mesmo tempo que produz uma nova formação cultural, é também produzido pela mesma, depende do rompimento com os valores e concepções de uma dada época, para assim, possibilitar novas construções. Interrogamos sobre quem seja esse novo sujeito que, ao mesmo tempo em que produz é produto de uma nova cultura/ de uma nova formação, sendo que o que muda numa dada cultura não sejam as condições e garantias de acesso às condições básicas de dignidade e cidadania, mas



principalmente o formato da concepção dessas condições e garantias, bem como o formato do uso e apropriação de tudo o que o acesso ao tecido social garante, o que irá apontar que o sujeito que serve ao ideário capitalístico desenvolve ou é “um consumidor” das concepções que lhe são legadas de exploração em prol da acumulação capitalística. Entende-se que as condições de produção de um processo de singularização perpassam as condições para uma visada que permita, tanto ao sujeito quanto ao coletivo, a formulação de uma leitura de mundo que propicie romper com a situação que lhes é posta e, a partir de então, ir aos poucos criando e construindo seus próprios referenciais, portanto, pensar as condições de produção do sujeito, possibilita-nos localizar o que pode ser constitutivo de uma condição maior do que a condição em que estamos habituados a viver, bem como construir um saber a partir daquilo que está encoberto pela poeira do tempo, que está esquecido entre as ruínas do que foi construído ou destruído, que está depositado no fundo das gavetas de guardados esquecidos, que jaze na aparente ausência de importância, que guarda sem querer e sem saber a essência do contexto que habita, ou que brota daquilo e naquilo que construímos. Colocadas essas pretensões de pesquisa, devemos, em primeiro lugar pensar essas questões enquanto processo de construção, para num outro momento trabalhar a questão de como se vai construindo alternativas, sendo que isso nos coloca a pesquisar antes sobre como é e como se dá a produção desse novo ideário e, principalmente, da subjetividade, para depois se pensar o que se produz. Portanto, o foco deste trabalho é dirigido à questão da história da subjetividade, perpassando a instituição dos modos do “conhecimento de si” e da “técnica de si”, e da produção do conceito de sujeito em diferentes contextos e momentos históricos e institucionais; pois, interrogar sobre a história ou a formação de referenciais de um povo possibilita pensar e entender a forma como se dá e como se articula, ou se organiza, o enlaçamento social do mesmo, ou seja, como é que os sujeitos se situam na coletividade; e pensar a história, no sentido que aqui colocamos, está para além da investigação sobre a sua factualidade ou linearidade, remetendo-nos à reflexão sobre o que constitua mesmo a história em suas entrelinhas, em sua mobilidade e imobilidade daquilo que faz sentido num dado encadeamento, tendo por mira de nossa visada os três eixos da abordagem foucaultina, sejam eles, saber, poder e subjetivação, para então entendermos as condições de subjetivação que se constituem a partir da construção de um ideário que se vai aos poucos e alternativamente constituindo, a partir dos efeitos produzidos pelo sistema capitalístico –seja pela exclusão social, pela miséria humana e material, pelas injustiças sociais, civis e políticas, pela intolerância, pela exploração desenfreada dos seres humanos e da natureza, e que gestam ou mobilizam reações que, através do movimento subjetivo, coletivo e social, se articulam em novas formas e em novos valores humanos, sociais e políticos, portanto, interessa-nos pensar como se dão as condições de ruptura com o sistema consolidado e como se dá a produção da subjetivação/ da subjetividade na teia social e do tecido social a partir das novas condições éticas, sociais, econômicas e políticas que se vão formando no e para além do sistema capitalista, sendo que entendemos que dada a emergência dessas novas condições de subjetivação e articulação da teia social, seja pertinente tecermos a abordagem entre diferentes campos de saberes, sobre uma realidade que temos o privilégio de vermos surgir aos nossos olhos e da qual somos também protagonistas, pensando o sujeito que é, simultaneamente produto e sujeito de transformação, e, tecendo, a partir de Foucault, os pontos da cosedura para o entendimento da genealogia da subjetividade.



1 Projeto de Pesquisa para Elaboração de Dissertação de Mestrado

2 Co-Orientador - UNIJUÍ

3 Aluno do MINTER em Filosofia

4 Orientador - UFSM